



O que mudou no setor segurador com o 11 de setembro?

Assistiram aos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 em vários pontos do mundo, mas a incredulidade foi a mesma perante aquilo que o setor segurador considera de um evento improvável. Seis CEOs de seguradoras refletem agora sobre o que mudou neste setor depois daquele dia



ESPAÇO DE ANÁLISE

▶ ANA SANTOS GOMES

VIOLETA CIUREL, CEO da AXA Portugal, estava em Bucareste, onde trabalhava na ING Life Insurance, e sempre pensou que o relato que recebia dos colegas era uma brincadeira. “Não queria acreditar que era mesmo verdade. Foi um choque enorme para mim, tal como foi para todos”, recorda a nova CEO da multinacional francesa. Consciente de que o dia 11 de setembro de 2001 abalou fortemente a indústria seguradora, levando o risco do terrorismo e incertezas inerentes a uma nova dimensão, Violeta Ciurel olha hoje para trás e considera que “definitivamente, este trágico acontecimento levou a que os seguradores alterassem significativamente as condições de subscrição e o preço

“Este evento impactou a forma de gerir os riscos globais, incluindo o seu modelo de governo, o modo de os analisar, aplicar, gerir e subscrever”

Violeta Ciurel

de aceitação dos riscos, quer em seguro direto, quer em resseguro”. Para a CEO da AXA, este evento “impactou a forma de gerir os riscos globais, incluindo o seu modelo de governo, o modo de os analisar,

aplicar, gerir e subscrever” e “impulsionou, ainda, o aumento dos esforços para garantir a continuidade do negócio e desenvolver planos de recuperação de catástrofes, estudando soluções alternativas e assegurando a eficaz gestão de informação”.

Teresa Mira Godinho, CEO da Allianz Portugal, consegue ver um lado positivo no meio de tamanha tragédia. “Ao acontecer aquilo que, por todos, era considerado improvável, houve que repensar a forma como definimos a probabilidade de acontecimento de um determinado evento, tal como as suas consequências em termos dos danos associados. Assim, enquanto o impacto imediato para a atividade seguradora foi negativo, com o passar do tempo, os acontecimentos do 11 de setembro obrigaram-na a evoluir e a sofisticar os seus modelos de tarifação e de afetação de capital, nomeadamente no que se refere aos grandes riscos e à probabilidade de ocorrência dos mesmos.”

Foi no Brasil que Santi Cianci se



deparou com o cenário das Torres Gêmeas atingidas por aviões desviados por terroristas. “Lembro-me de ter ficado chocado com as imagens das torres a desmoronarem-se e a implodir e logo pensei que poderia ter alguém conhecido entre as vítimas, cujo horrível fim eu estava a assistir”, conta ao OJE. Os contactos desenvolvidos de imediato deixaram-no mais aliviado, mas não deixa, ainda hoje, de olhar para aquele dia com a certeza de que “aquilo que era considerado um risco meramente hipotético passou a ser uma eventualidade” e por isso “era uma condição necessária nas apólices de seguro contratadas nos países mais expostos aos ataques terroristas”.

Como fator positivo, Santi Cianci destaca “a grande solidez do mercado segurador, que tem cumprido com as suas obrigações, liquidando tão relevantes prejuízos e justificando, assim, a grande função social do seguro”.

Ficção. Era o que pensava António Belo, CEO da MAPFRE, à medida que ia tomando conhecimento do que se passava em Nova Iorque a 11 de setembro de 2001. “foi um acontecimento marcante”, recorda, “mas ficou bem evidenciada a robustez dos modelos de dispersão e gestão de riscos que, de forma tão peculiar, caracteriza a nossa atividade”. Ainda assim, houve mudanças a fazer. O setor mudou. Algumas coberturas também. “A partir destes acontecimentos ocorreram importantes transformações nos modelos de gestão e nas estruturas técnicas de alguns ramos e coberturas que ainda hoje se fazem sentir”, constata António Belo.

A 10 de setembro de 2001, José António de Sousa deixava um hotel perto das Torres Gêmeas para rumar a Caracas, na Venezuela, onde trabalhava para a Zurich. Não so-

nhava que o dia seguinte traria tal intensidade de emoções. “Fiquei estarrecido”, recorda. “O mundo nunca mais foi o mesmo e a nossa vida passou a estar fortemente condicionada. Os terroristas mudaram mesmo a nossa vida, para sempre”, assegura.

No setor, vê agora “uma maior consciência, por parte dos clientes (sobretudo multinacionais americanas), na procura de coberturas contra ataques terroristas” e viu, naquela época, “uma maior dificuldade, logo no início, em encontrar coberturas adequadas (fosse a que preço fosse), mas que o setor segurador posteriormente resolveu criando mercados e pools especializados para dar o serviço aos clientes, cobrando o preço adequado ao risco aumentado que passou a haver”.

Também na Zurich, mas em Lisboa estava António Bico, CEO da multinacional, que deixou familiares e amigos preocupados, já que viajava muitas vezes para Nova Iorque por motivos profissionais. “Segui de perto as notícias através da televisão, em conjunto com vários colegas, e assistimos em direto ao embate do segundo avião nas Torres Gêmeas”, refere. Hoje, não tem dúvidas de que a maior alteração provocada por aquele trágico acontecimento se prende com “a valorização da segurança como um bem inestimável e absolutamente prioritário”. António Bico salienta o facto de os atentados se terem refletido “ao nível do aumento substancial dos prémios, da notação do risco e, sobretudo, na forma de segurar as consequências de futuros ataques terroristas”, lembrando que “a partir do 11 de setembro de 2001, alguns seguradores deixaram mesmo de cobrir o risco dos atos de terrorismo”.